

# a canção da espada

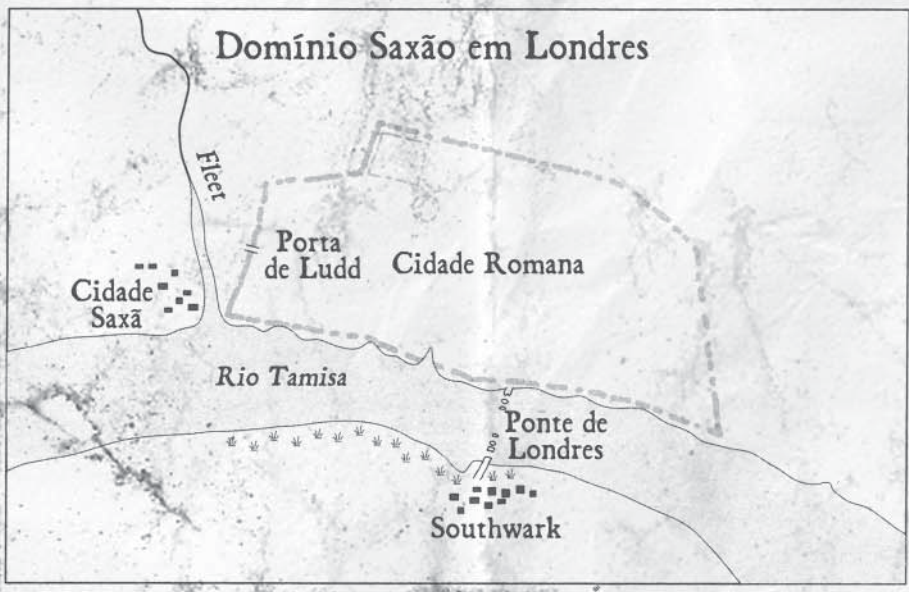
bernard cornwell

Tradução de Paulo Alexandre Moreira



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

*is voor Aukje,  
Mit liefde:  
Er was eens...*



**MÉRCIA**



**WESSEX**







**EAST ANGLIA**

Orwell

Stour

Colne

Ilha Horsey

Blackwater

Crouch

Thundersley

Ilha Foulness

Benfleet

Shoebury

**Estuário do Tamisa**

Hadleigh Rey

Ilha Canvey

Sheerness

Ilha Sheppey

The Swale

Rochester

Canterbury

Medway

## TOPONÍMIA

A pronúncia dos nomes dos lugares na Inglaterra anglo-saxónica é incerta, sem que exista consistência ou acordo sequer acerca dos próprios nomes. Por isso, Londres é frequentemente referida como Lundonia, Lundenberg, Lundenne, Lundene, Lundenwinc, Lundenceaster e Lundres. Sem dúvida que alguns leitores preferem outras versões dos nomes listados abaixo, mas, normalmente, recorri à grafia utilizada no *Oxford Dictionary of English Place-Names* para os anos próximos do reinado de Alfredo, 871-899 d.C., ainda que nem essa solução seja a ideal. Em 956, a ilha de Hayling era simultaneamente apelidada de Heilincigae e Hæglingaiggæ. Eu próprio não fui consistente; uso Inglaterra em vez de Englalund, mas preferi a forma moderna de Nortúmbria a NorDhymbraland por forma a não sugerir que as fronteiras do antigo reino coincidem com as do moderno condado. Assim, esta lista, tal como a própria grafia, é inconstante.

Æscengum

Arwan

Beamfleot

Bebbanburg

Berrocscire

Cair Ligualid

Caninga

Cent

Cippanhamm

Cirrenceastre

Cisseceastre

Coccham

Colaun, Rio

Contwaraburg

Cornwalum

Cracgelad

Eashing, Surrey

Rio Orwell, Suffolk

Benfleet, Essex

Castelo de Bamburgh,

Nortúmbria

Berkshire

Carlisle, Cúmbria

Ilha de Canvey, Essex

Kent

Chippenham, Wiltshire

Cirencester, Gloucestershire

Chichester, Sussex

Cookham, Berkshire

Rio Colne, Essex

Canterbury, Kent

Cornualha

Crickdale, Wiltshire

Dunastopol	Dunstable (nome romano, Durocobravis), Bedfordshire
Dunholm	Durham, Condado de Durham
Eoferwic	York, Yorkshire
Ethandun	Edington, Wiltshire
Exanceaster	Exeter, Devon
Fleot	Rio Fleet, Londres
Frância	França
Fughelness	Ilha de Foulness, Essex
Grantaceaster	Cambridge, Cambridgeshire
Gyruum	Jarrow, Condado de Durham
Hastengas	Hastings, Sussex
Horseg	Ilha Horsey, Essex
Hothlege	Rio Hadleigh, Essex
Hrofeceastre	Rochester, Kent
Hwealf	Rio Crouch, Essex
Lundene	Londres
Mæides Stana	Maidstone, Kent
Medwæg	Rio Medway, Kent
Oxnaforda	Oxford, Oxfordshire
Padintune	Paddington, Grande Londres
Pant	Rio Blackwater, Essex
Scaepege	Ilha de Sheppey, Kent
Scaftes Eye	Ilha Sashes (em Coccham)
Sceobyrig	Shoebury, Essex
Scerhnesse	Sheerness, Kent
Sture	Rio Stour, Essex
Sutherge	Surrey
Suthriganaweorc	Southwark, Grande Londres
Swealve	Rio Swale, Kent
Temes	Rio Tamisa
Thunresleam	Thundersley, Essex
Wæced	Watchet, Somerset
Wæclingastræt	Watling Street
Welengaford	Wallingford, Oxfordshire
Werham	Wareham, Dorset
Wiltunscir	Wiltshire

Wintanceaster  
Wocca's Dun  
Wodenes Eye

Winchester, Hampshire  
South Ockenden, Essex  
Ilha Odney (em Coccham)

## P R Ó L O G O

**E**scuridão. Inverno. Uma noite gélida e sem lua. Flutuávamos no rio Temes; conseguia ver as estrelas reflectidas contra o brilho difuso da água para lá da alta proa do navio. O rio estava inchado, alimentado pela neve derretida de incontáveis colinas. Regatos intermitentes desciam das gredosas terras altas do Wessex. Esses regatos estariam secos quando chegasse o Verão, mas na altura eram riachos de espuma que sulcavam as longas colinas verdes, enchiam o rio e inundavam o mar distante.

O nosso navio, que não tinha nome, manteve-se próximo da costa do Wessex. Para norte, do outro lado do rio, ficava a Mércia. A nossa proa apontava para montante. Estávamos escondidos sob os ramos nus de três salgueiros chorões, presos a um desses ramos por um cabo de couro, o que impedia o rio de nos arrastar.

Éramos trinta e oito num barco sem nome, uma embarcação que fazia comércio na zona alta do Temes. O mestre do navio, que dava pelo nome de Ralla, estava ao meu lado com uma mão sobre o braço do leme. Mal conseguia vê-lo na escuridão, mas sabia que envergava um justilho de couro e tinha uma espada no flanco. O resto de nós usava malha e couro, e estávamos armados com escudos, machados, espadas e lanças. Nessa noite, íamos matar.

Sihtric, o meu servo, agachou-se ao meu lado e passou uma pedra de amolar a todo o comprimento da lâmina da sua espada curta.

— Ela afirma que me ama — disse-me.

— Claro que sim — respondi.

Calou-se por um instante; a sua voz animou-se quando voltou a falar, como se tivesse encontrado coragem nas minhas palavras.

— E eu já devo ter dezanove anos, senhor! Quem sabe se não terei vinte...

— Não serão dezoito? — sugeri.

— Eu podia ter casado há quatro anos, senhor!

Falávamos quase por murmúrios.

A noite estava cheia de ruídos. A água marulhava, os ramos nus



entrechocavam-se ao sabor do vento, uma raposa soltou um lamento semelhante ao de uma alma moribunda e, algures, uma coruja piou. O barco rangeu. A pedra de amolar de Sihtric sibilou ao arranhar o aço. Um escudo bateu contra um banco de remador. Não me atrevia a falar mais alto, apesar dos ruídos da noite, porque o navio inimigo se encontrava a montante e os homens desse navio que tinham ido a terra decerto teriam deixado sentinelas no mesmo. Essas sentinelas podiam ter-nos visto deslizar rio abaixo junto à margem merciana, mas naquele momento era mais certo que pensassem que nos encontrávamos bem longe, a caminho de Lundene.

— Mas por que havias tu de casar com uma rameira? — perguntei a Sihtric.

— Ela... — começou Sihtric.

— Ela é velha — rosnei —, é capaz de ter trinta anos. E está gasta. Ealhswith só precisa de ver um homem para abrir as pernas! Se juntasses todos os homens que já lhe passaram por cima, terias um exército suficientemente grande para conquistar toda a Bretanha. — Ao meu lado, Ralla conteve o riso. — Também farias parte desse exército, Ralla?

— Vinte vezes, senhor — respondeu o mestre do navio.

— Ela ama-me — insistiu Sihtric, amuado.

— Ela ama a tua prata — contrapus. — Além do mais, porque hás-de enfiar uma espada nova numa bainha velha?

Os homens falam de um modo estranho antes da batalha. Falam de tudo menos do que os espera. Já estive num escudo defensivo, a olhar de frente para um inimigo com as lâminas brilhantes envoltas na sombra da ameaça que representavam e a ouvir dois dos meus homens discutirem fufiosamente sobre que taberna tinha a melhor cerveja. O medo paira no ar como uma nuvem e falamos de tudo e mais alguma coisa que nos permita fingir que essa nuvem não está presente.

— Procura qualquer coisa rija e jovem — aconselhei a Sihtric. — A filha do oleiro está pronta para casar. Deve ter uns treze anos.

— Ela é estúpida — objectou Sihtric.

— E tu, que és? — perguntei. — Eu dou-te prata, e tu deita-la no primeiro buraco aberto que encontras! Da última vez que a vi, ela tinha no braço uma bracelete que eu te dei.

Ele fungou e não disse nada. O seu pai fora Kjartan, *o Cruel*, um dinamarquês que depositara a semente de Sihtric no bucho de uma das suas escravas saxãs. Mesmo assim, Sihtric era bom rapaz, se bem que, na verdade,

já não fosse um rapaz. Era um homem que já estivera presente num escudo defensivo. Um homem que já tinha matado. Um homem que voltaria a matar nessa noite.

— Eu arranjo-te uma mulher — prometi-lhe.

Foi então que ouvi os gritos. Ténues porque vindos de muito longe, quase um arranhar na escuridão que anunciava dor e morte a sul de onde nos encontrávamos. Ouviam-se gritos e imprecações. Eram mulheres que gritavam e, sem dúvida, homens que morriam.

— Raios os partam — disse Ralla em tom amargo.

— É o nosso trabalho — respondi secamente.

— Devíamos... — começou Ralla. Mas pensou melhor e calou-se.

Eu sabia o que ele ia dizer, que devíamos ter ido até à aldeia para a proteger, mas sabia o que eu teria respondido.

Ter-lhe-ia dito que não sabíamos que aldeia os dinamarqueses iam atacar, e que, mesmo que soubéssemos, não a teria protegido. Podíamos tê-la barricado se soubéssemos que era para lá que se dirigiam os atacantes. Podia ter colocado a minha guarda pessoal nas pequenas casas e, quando os saqueadores chegassem, os meus homens saltariam para a rua de espada, machado e escudo em punho, matando alguns deles, mas seriam muitos os que conseguiriam escapar ao abrigo da escuridão, e eu não queria que escapasse nenhum. Eu queria todos os dinamarqueses, todos os noruegueses, todos os salteadores mortos. Todos, excepto um, que seria enviado para leste, para dizer nos campos *vikings* espalhados pela margem do Temes que Uhtred de Bebbanburg estava à espera deles.

— Pobres almas — murmurou Ralla.

Para sul, através do emaranhado de ramos negros, pude ver um brilho vermelho que denunciava os telhados de colmo a arder. O brilho alastrou e tornou-se mais intenso, iluminando o céu de Inverno por cima das copas das árvores. O brilho reflectiu-se nos elmos dos meus homens, revestindo-os de uma película vermelha, e ordenei que os tirassem, não fossem as sentinelas colocadas no grande navio à nossa frente avistar o reflexo.

Tirei o meu próprio elmo coroadado com o lobo de prata.

Eu sou Uhtred, Lorde de Bebbanburg, e naquele tempo era um senhor da guerra. Ali estava eu, vestido de couro e de malha metálica, com o meu manto e as minhas armas, jovem e forte. Tinha metade da guarda da minha casa no navio de Ralla, enquanto a outra metade se encontrava algures a oeste, a cavalo, sob o comando de Finan.

Ou esperava eu que aguardassem nesse oeste envolto no manto da

noite. Nós, no navio, tínhamos ficado com a tarefa mais fácil, pois bastava-nos descer ao longo da margem do rio para encontrarmos o inimigo, ao passo que Finan fora obrigado a conduzir os seus homens através de um território escuro como breu. Mas eu confiava em Finan. Ele estaria onde eu precisava que estivesse, todo ele gestos inquietos e caretas enquanto esperava pela ocasião em que libertaria a fúria da sua espada.

Não era a primeira vez, naquele longo e húmido Inverno, que tentávamos uma emboscada no Temes, mas era a primeira que prometia sucesso. Por duas vezes me tinham avisado da chegada de *vikings* de barco pelo rombo aberto na ponte de Lundene para saquearem as desprotegidas mas ricas aldeias do Wessex, e de ambas as vezes tínhamos descido o rio sem encontrar nada. Mas dessa vez tínhamos encurralado os lobos. Toquei no punho de Bafo de Serpente, a minha espada, e, em seguida, toquei no amuleto com o martelo de Thor que me pendia do pescoço.

Rezei a Thor para que os matássemos a todos, a todos, excepto um.

Deve ter estado frio nessa longa noite. Nos campos inundados pelo rio, as poças deixadas pela água estavam cobertas por uma película de gelo, mas não me recordo do frio. Toquei de novo em Bafo de Serpente e pareceu-me senti-la estremecer. Por vezes achava que a lâmina cantava. Era uma canção quase inaudível, um som lamentoso, a canção de uma lâmina ávida de sangue, a canção da espada.

Esperámos, e, mais tarde, depois de tudo ter terminado, Ralla disse-me que eu nunca deixara de sorrir.

\*

PENSEI QUE A NOSSA EMBOSCADA IRIA FALHAR, UMA VEZ QUE OS SAQUEADORES não voltaram ao navio antes de a luz da madrugada fazer a sua aparição a leste. Achei que o mais certo seria que as suas sentinelas nos avistassem, mas tal não aconteceu. Os ramos pendentes dos salgueiros serviram-nos de breve protecção, ou talvez o Sol invernal que fazia a sua aparição atrás de nós os tenha cegado, porque a verdade é que nenhum deles nos viu.

Nós vimo-los. Vimos os homens de cota de malha conduzirem um grande número de mulheres e crianças através de uma pastagem inundada. Calculei que fossem uns cinquenta saqueadores, e idêntico número de cativos. As mulheres deviam ser as jovens da aldeia incendiada, capturadas para prazer dos saqueadores. As crianças iriam para o mercado de escravos de Lundene, de onde atravessariam o mar para a França, ou mesmo para

destinos mais longínquos. As mulheres, depois de se terem servido delas, também seriam vendidas. Não estávamos perto o suficiente para ouvir os soluços dos prisioneiros, mas imaginei-os. Para sul, onde colinas baixas e verdes se erguiam da planície ribeirinha, uma enorme nuvem de fumo escurcia o céu limpo de Inverno, assinalando o local onde os saqueadores tinham incendiado a aldeia.

Ralla agitou-se.

— Espera — ordenei, e Ralla ficou quieto.

Era um homem de cabelo grisalho, dez anos mais velho que eu, com os olhos reduzidos a duas ranhuras pelos anos passados a olhar para mares onde o Sol se reflectia. Era o mestre do navio, um soldado e um amigo.

— Ainda não — disse-lhe baixinho, tocando em Bafo de Serpente e sentindo o estremecer do aço.

As vozes dos homens soaram altas, descontraídas e acompanhadas de risos. Gritavam enquanto empurravam os prisioneiros para o navio. Obrigaram-nos a agachar-se no porão gelado e cheio de água por forma a que a embarcação sobrecarregada se mantivesse estável durante a travessia dos baixios a jusante, onde o Temes corria por entre saliências rochosas; e só os melhores e mais corajosos mestres de navios conheciam o canal. Em seguida, os próprios guerreiros subiram a bordo. Levavam consigo o saque — espetos, caldeirões, lâminas diversas, facas e tudo o que pudessem vender, derreter ou utilizar. As suas gargalhadas eram ruidosas. Eram homens que tinham chacinado, homens que enriqueceriam com a venda dos seus prisioneiros, e mostravam-se alegres e descuidados.

E Bafo de Serpente cantou baixinho na sua banha.

Ouvi o ruído que se ergueu do outro navio quando os remos foram colocados no lugar.

— Empurrem! — ordenou uma voz.

A grande proa do navio inimigo, coroada com a cabeça pintada de um monstro, voltou-se para o centro do rio. Os homens fizeram força com os remos de encontro à margem, afastando o navio ainda mais desta. O navio já se encontrava em movimento, trazido na nossa direcção pela corrente forte. Ralla olhou para mim.

— Agora — disse eu. — Corta o cabo! — ordenei, e Cerdic, que se encontrava à proa da nossa embarcação, cortou o cabo de couro que nos prendia ao salgueiro. Usávamos apenas doze remos, que bateram no rio quando avancei por entre os bancos dos remadores. — Vamos matá-los a todos! — gritei. — Vamos matá-los a todos!

— Remem! — rugiu Ralla, e os doze homens vergaram-se sobre os remos para combaterem a corrente do rio.

— Vamos matar cada um daqueles bastardos! — gritei enquanto subia à pequena plataforma da proa, onde o meu escudo me esperava. — Vamos matá-los a todos! A todos!

Coloquei o meu elmo e, em seguida, passei o antebraço pelas pegas do escudo, levantei a pesada madeira e retirei Bafo de Serpente da bainha de velocino. Ela não cantou. Gritou.

— Morte! — gritei. — Morte, morte, morte! — E os remos bateram na água a compasso com os meus gritos.

À nossa frente, o navio inimigo adornou quando os homens em pânico falharam a remada. Gritaram, procuraram os escudos e tropeçaram nos bancos onde alguns homens sentados ainda tentavam remar. As mulheres gritaram e os homens tropeçaram uns nos outros.

— Força! — gritou Ralla. O nosso navio sem nome avançou contra a corrente enquanto a embarcação inimiga era empurrada na nossa direcção. A cabeça do monstro que lhe adornava a proa tinha uma língua vermelha, olhos brancos e dentes semelhantes a adagas.

— Agora! — gritei para Cerdic, que lançou o gancho de abordagem com a sua corrente por forma a apanhar a proa do navio inimigo, para que os dentes do gancho se cravassem na madeira e o arrastassem para junto de nós. — Agora, matem! — gritei, saltando sobre o espaço que separava os dois navios.

Como é boa a alegria de ser jovem. De ter vinte e oito anos, de ser forte e de ser um senhor da guerra. Tudo isso passou, já; restam-me apenas as recordações, e as recordações desvanecem-se. Mas a alegria fica para sempre na memória.

O primeiro golpe de Bafo de Serpente foi desferido da frente para trás. Desferi-o assim que pus o pé sobre a plataforma da proa inimiga, onde um homem tentava soltar o gancho de abordagem; Bafo de Serpente atingiu-o no pescoço com tamanha força e velocidade que quase lhe separava a cabeça do corpo. A cabeça do homem caiu para trás e o seu sangue brilhou naquele dia de Inverno. Eu era a morte chegada pela manhã, a morte salpicada de sangue e vestida de malha e de manto negro, com um elmo coroado com um lobo.

Sou velho, agora. Tão velho. A minha visão diminui, os meus músculos estão fracos, não consigo conter a urina, doem-me os ossos e adormeço sentado ao sol apenas para acordar mais cansado. Mas recordo-me dos

combates, dos meus combates de outros tempos. A minha nova esposa, uma mulher estúpida e pia que passa a vida a lamuriar-se, encolhe-se sempre que conto as minhas histórias. Mas que mais resta aos velhos, senão as suas histórias? Certa vez protestou, dizendo que não queria saber de cabeças a caírem envoltas num jorro de sangue brilhante, mas de que outro modo podemos preparar os nossos jovens para as guerras que terão de travar? Eu combati durante toda a minha vida. Foi esse o meu destino, o destino de todos nós. Alfredo desejava a paz, mas a paz fugiu dele; vieram os dinamarqueses e os noruegueses, e ele não teve outra alternativa que não combater. E quando Alfredo morreu, e o seu reino era poderoso, vieram mais dinamarqueses e noruegueses, assim como os bretões de Gales e os escoceses do Norte; que mais podia um homem fazer, a não ser lutar pela sua família, pelo seu lar e pelo seu país? Olho para os meus filhos, para os seus filhos e para os filhos dos filhos dos meus filhos, e sei que terão de combater. E sei que enquanto existir uma família com o nome Uhtred, e enquanto existir um reino nesta ilha batida pelos ventos, haverá guerra. Assim sendo, não podemos encolher-nos perante a guerra. Não podemos esconder-nos da sua crueldade, do seu sangue, do seu cheiro, da sua vileza ou da alegria que provoca, porque a guerra virá ao nosso encontro, queiramos ou não. A guerra é destino, e *wyrd bið ful ārað*. O destino é inevitável.

Por isso conto estas histórias, para que os filhos dos meus filhos conheçam o seu destino. A minha mulher queixa-se, mas obrigo-a a ouvir. Conto-lhe como o nosso navio chocou contra o flanco do navio inimigo, e como o impacto empurrou a proa do mesmo de encontro à margem sul do rio. Era isso mesmo que eu pretendia, e Ralla executara a manobra com perfeição. Investiu com a proa do navio contra o casco do inimigo, o nosso ímpeto esmagando os remos dianteiros da embarcação norueguesa enquanto os nossos homens saltavam à abordagem, fazendo rodar espadas e machados. Cambaleei depois do meu primeiro golpe, mas o homem que matei caiu da plataforma, impedindo que outros dois conseguissem atingir-me, e eu lancei um brado de desafio enquanto saltava da plataforma para os enfrentar. Bafo de Serpente era letal. Era, e é, uma espada fantástica, forjada no Norte por um saxão que sabia da sua arte. Tinha utilizado sete varas, quatro de aço e três de ferro, que aquecera e martelara até as transformar numa comprida espada de dois gumes com uma ponta em forma de folha. As quatro varas de ferro, mais macias, tinham sido retorcidas pelo fogo e as volutas daí resultantes sobreviveram na lâmina, como um padrão



fantasmagórico semelhante ao jorro de chamas da boca de um dragão, e foi assim que Bafo de Serpente ganhou o seu nome.

Um homem de barba hirsuta atacou-me a golpes de machado, que aparei com o bordo exterior do meu escudo antes de lhe cravar no bucho a lâmina com os motivos de dragão. Torci violentamente o punho para que a carne e entranhas moribundas não agarrassem a lâmina, depois puxei-a, fazendo jorrar mais sangue, e fiz girar o escudo empalado com o machado para aparar um golpe de espada. Sihtric estava junto de mim e cravou a sua espada curta na virilha do meu novo atacante. O homem gritou. Acho que também gritei. Mais e mais homens subiram a bordo, com as lâminas de espadas e machados a brilharem. As crianças gritaram, as mulheres gemeram e os saqueadores morreram.

A proa do navio inimigo cravou-se na lama da margem com um baque surdo e a popa começou a virar ao sabor da corrente do rio. Pressentindo a morte se continuassem a bordo, alguns saqueadores saltaram para terra, e isso foi o início do pânico. Saltaram mais homens para a margem, e foi nesse momento que Finan apareceu a norte. Pairava uma ligeira neblina sobre as margens do rio, nada mais que uma breve condensação sobre as poças geladas, e foi dela que surgiram os cavaleiros de Finan, vestidos de malha brilhante. Avançaram em duas linhas, espadas em riste como lanças, e Finan, o meu mortífero irlandês, que conhecia a sua arte, fez a primeira linha galopar para lá dos homens que fugiam para lhes cortar a retirada, deixando que a sua segunda linha caísse sobre o inimigo ainda antes de fazer voltar os homens que conduzia e os lançar na matança.

— Mata-os a todos! — gritei-lhe. — Mata-os a todos!

A sua resposta foi um aceno da espada vermelha de sangue. Avistei Clapa, o meu grande dinamarquês, que empalou um inimigo nos baixios do rio. Rypere fez cair a espada sobre um homem agachado de medo. A mão de espada de Sihtric estava vermelha. Cerdic fazia rodopiar um machado, gritando algo incompreensível quando a lâmina da arma esmagou e penetrou num elmo dinamarquês, fazendo saltar sangue e miolos sobre os prisioneiros aterrorizados. Julgo que abati mais dois inimigos, ainda que essa seja uma recordação incerta. Recordo-me de derrubar um homem sobre o convés e, quando ele se voltou para me enfrentar, de lhe enfiar Bafo de Serpente nas goelas e ficar a ver como o seu rosto se distorcia numa estranha careta enquanto a língua emergia da torrente de sangue que lhe jorrava por entre os dentes enegrecidos. Apoiei-me na lâmina enquanto o homem morria e observei como os homens de Finan

faziam voltar os cavalos para cáírem sobre o inimigo encurralado. Os *vikings* gritaram e alguns tentaram render-se. Um jovem ajoelhou-se num banco de remador, largando o machado e o escudo e erguendo as mãos numa súplica para mim.

— Pega no machado! — ordenei-lhe, falando em dinamarquês.

— Senhor... — começou.

— Pega no machado! — cortei. — E procura-me no salão dos mortos. — Esperei que ele pegasse nas armas e, em seguida, deixei que Bafo de Serpente lhe tirasse a vida. Fi-lo com rapidez, mostrando misericórdia ao cortar-lhe a garganta num único e rápido golpe. Olhei-o nos olhos ao matá-lo, vi a sua alma partir e passei por cima do seu corpo que se contorcia, que deslizou do banco de remador e caiu, ensanguentado, no colo de uma jovem que começou a gritar de forma histérica. — Calada! — gritei-lhe. Lancei um olhar carrancudo às outras mulheres e crianças que choravam acoradas no bojo do navio. Passei Bafo de Serpente para a mão do escudo, agarrei a gola da cota de malha do moribundo e icei-o de novo para o banco de remador.

Uma das crianças não chorava. Era um garoto, talvez com nove ou dez anos, que se limitava a olhar para mim de boca escancarada, e lembrei-me de mim com aquela idade. O que via o rapaz? Via um homem de metal, porque eu combatera com as protecções faciais do meu elmo fechadas. Vemos menos com as protecções sobre as faces, mas o aspecto do guerreiro torna-se mais assustador. Aquele rapaz estava a olhar para um homem alto vestido de malha de metal, de espada ensanguentada e rosto de aço, que enchera um barco de morte. Tirei o elmo e sacudi o cabelo para o soltar e, em seguida, estendi-lhe o elmo coroado com o lobo.

— Toma conta dele, rapaz — disse-lhe, entregando depois Bafo de Serpente à rapariga que gritara. — Lava a lâmina com água do rio — ordenei — e seca-a no manto de um morto.

Entreguei o meu escudo a Sihtric, abri os braços e contemplei o Sol matinal.

Os saqueadores eram cinquenta e quatro, e dezasseis ainda viviam. Eram prisioneiros. Ninguém tinha escapado aos homens de Finan. Desembainhei Picada de Vespa, a minha espada curta, tão letal num escudo defensivo, onde os homens se comprimem de encontro uns aos outros como amantes.

— Alguma de vós que queira matar o homem que a violou — olhei para as mulheres —, que o faça agora!

Duas mulheres desejavam vingança, e permiti que usassem Picada de Vespa.

Ambas mataram as suas vítimas. Uma cravou repetidas vezes a lâmina no corpo de um homem; a outra desferiu violentos golpes no dinamarquês que dela abusara. Dos catorze restantes, apenas um homem não usava cota de malha. Era o mestre do navio inimigo. Tinha cabelo grisalho, barba rala e olhos castanhos que me fitavam de modo beligerante.

— De onde vindes? — perguntei-lhe.

Começou por querer recusar-me resposta, mas pensou melhor.

— De Beamfleet — respondeu.

— E Lundene? — perguntei-lhe. — A cidade velha ainda continua nas mãos dos dinamarqueses?

— Continua.

— Continua, senhor — corrigi-o.

— Sim, senhor — acedeu.

— Nesse caso, irás a Lundene, e depois a Beamfleet — disse-lhe —, e daí para onde desejares, e dirás aos noruegueses que Uhtred de Bebbanburg guarda o rio Temes. E vais dizer-lhes que podem vir quando quiserem.

E aquele homem sobreviveu. Cortei-lhe a mão direita antes de o deixar partir. Desse modo, não voltaria a pegar numa espada. Já tínhamos acendido uma fogueira e empurrei-lhe o coto ensanguentado contra as brasas para cauterizar a ferida. Ele era um homem corajoso. Estremeceu quando cauterizámos o coto, mas não gritou quando o seu sangue borbulhou e a sua carne sibilou. Embrulhei-lhe o braço encurtado num pedaço de tecido arrancado da camisa de um dos mortos.

— Vai — ordenei-lhe, apontando para jusante. — Vai-te embora! — E o homem dirigiu-se para leste. Se tivesse sorte, sobreviveria à viagem para espalhar a notícia da minha selvajaria.

Matei todos os outros.

— Porque é que os mataste? — perguntou-me a minha nova mulher, certa vez, a sua voz manifestando um desagrado evidente perante a minha meticulosidade.

— Para eles aprenderem o que é o medo — respondi —, claro.

— Os mortos não sentem medo — contrapôs.

Tentei ser paciente com ela.

— Partiu um navio de Beamfleet — expliquei —, um navio nunca mais voltou. Outros homens que pretendiam saquear o Wessex ouviram falar do destino desse navio. E esses homens decidiram ir com as suas espadas para

outro lado. Matei toda a tripulação desse navio para me poupar a ter de matar centenas de dinamarqueses.

— O Senhor Jesus teria querido que mostrasses misericórdia — disse ela de olhos arregalados.

É uma idiota.

Finan conduziu alguns aldeões de volta às suas casas queimadas, junto das quais abriram covas para enterrar os seus mortos enquanto os meus homens penduravam os cadáveres dos nossos inimigos pelo pescoço em árvores junto ao rio. Fizemos cordas com tiras rasgadas das suas roupas. Ficámos com as suas cotas de malha, armas e braceletes. Cortámos-lhes os cabelos compridos, uma vez que gostava de calafetar as tábuas dos meus navios com os cabelos de inimigos abatidos, e depois enforcámo-los; os seus corpos pálidos e nus balançaram ao sabor da brisa breve enquanto os corvos se aproximavam para lhes comerem os olhos mortos.

Cinquenta e três corpos balançaram no ar junto ao rio. Um aviso para os que viessem a seguir. Cinquenta e três sinais de que outros saqueadores se arriscavam a encontrar a morte se subissem o Temes.

Depois voltámos para casa, levando connosco o navio inimigo.

E Bafo de Serpente repousou na sua banha.





PRIMEIRA PARTE  
A NOIVA





# 1

— Os mortos falam — disse-me Æthelwold. Por uma vez, estava sóbrio. Sóbrio, espantado e sério. O vento nocturno rodeava a casa e as chamas vermelhas das tochas ondulavam por causa da corrente de ar que entrava pela saída de fumo do telhado e pelas portas e janelas.

— Os mortos falam? — repeti em jeito de pergunta.

— Um morto — respondeu Æthelwold. — Ergue-se da campa e fala. — Olhou para mim de olhos arregalados e, em seguida, acenou com a cabeça como que para enfatizar que estava a dizer a verdade. Inclinou-se para mim, mexendo os dedos crispados e inquietos entre os joelhos. — Eu vi-o — acrescentou.

— Um cadáver que fala? — insisti.

— Ele ergue-se! — Fez um movimento com a mão para ilustrar o que dizia.

— Ele?

— O homem morto. Ele ergue-se e fala. — Continuava a olhar para mim, com uma expressão indignada no rosto. — É verdade — acrescentou num tom que sugeria que sabia que eu não acreditava nele.

Cheguei o meu banco para mais perto da lareira. Tinham passado dez dias desde que matara os saqueadores e pendurara os seus corpos junto ao rio, e uma chuva gelada abatia-se sobre o colmo do telhado e as portadas cerradas das janelas. Dois dos meus cães estavam deitados diante do fogo e um dirigiu-me um olhar ressentido quando arrastei o banco, logo baixando de novo a cabeça. A casa fora construída pelos romanos, o que queria dizer que o chão estava coberto de azulejos e que as paredes eram de pedra, ainda que tivesse sido eu próprio a colocar o colmo do telhado. A chuva entrou pela saída do fumo.

— O que diz o morto? — perguntou Gisela. Era a minha esposa e a mãe dos meus dois filhos.

Æthelwold não respondeu de imediato, talvez por acreditar que uma mulher não devia tomar parte numa discussão séria, mas o meu silêncio disse-lhe que Gisela podia falar quando quisesse na sua própria

casa e ele estava demasiado nervoso para insistir que eu a mandasse embora.

— Ele diz que eu devia ser rei — admitiu baixinho, levantando depois o olhar para mim, receoso da minha reacção.

— Rei de quê? — perguntei sem entoação.

— Do Wessex, claro — respondeu.

— Oh, o Wessex — disse eu, como se nunca tivesse ouvido falar de um tal lugar.

— E eu devia ser rei! — protestou Æthelwold. — O meu pai foi rei!

— E, agora, o irmão do teu pai é rei — continuei —, e os homens dizem que é um bom rei.

— Tu dizes o mesmo? — desafiou-me.

Não respondi. Era bem sabido que eu não gostava de Alfredo e que Alfredo não gostava de mim, mas isso não queria dizer que o sobrinho de Alfredo, Æthelwold, pudesse ser melhor rei. Tal como eu, Æthelwold tinha vinte e muitos anos, e tinha reputação de bêbedo e de tolo licencioso. No entanto, tinha direito ao trono do Wessex. A verdade é que o seu pai fora rei, e se Alfredo tivesse um mínimo de bom senso, teria mandado degolar o sobrinho. Ao invés, Alfredo confiava no desejo de Æthelwold por cerveja para o impedir de criar problemas.

— Onde é que viste esse cadáver vivo? — perguntei, em vez de responder à pergunta que me fizera.

Ele apontou com a mão para o lado norte da casa.

— Do outro lado da rua — respondeu. — Mesmo do outro lado.

— Na Wæclingastræt? — perguntei, recebendo um aceno afirmativo de cabeça como resposta.

Portanto, ele tanto conversava com os dinamarqueses como com os mortos. A Wæclingastræt é uma estrada que atravessa Lundene para noroeste. Atravessa obliquamente a Bretanha, terminando junto ao Mar da Irlanda, pouco a norte de Gales, e tudo o que se encontrava a sul da mesma era considerado território saxão, enquanto tudo o que se encontrasse a norte estava nas mãos dos dinamarqueses. Era essa a paz que tínhamos no ano de 885, ainda que fosse uma paz salpicada por escaramuças e ódios.

— Trata-se de um morto dinamarquês? — perguntei.

Æthelwold assentiu.

— Chama-se Bjorn — disse —, e foi um *skald* na corte de Guthrum; recusou converter-se ao cristianismo e Guthrum matou-o. Pode ser invocado do seu túmulo. Eu vi.

Olhei para Gisela. Ela era dinamarquesa, e a feitiçaria descrita por Æthelwold não se parecia com nada que eu conhecesse e fosse praticado pelos saxões. Gisela encolheu os ombros, sugerindo que a magia lhe era igualmente desconhecida.

— Quem invoca o morto? — perguntou ela.

— Um cadáver recente — respondeu Æthelwold.

— Um cadáver recente? — perguntei eu.

— Alguém tem de ser enviado para o mundo dos mortos — explicou ele, como se fosse óbvio —, a fim de encontrar Bjorn e trazê-lo de volta.

— Então, matam alguém? — insistiu Gisela.

— De que outra forma poderiam enviar uma mensagem aos mortos? — perguntou Æthelwold belicosamente.

— E esse Bjorn fala inglês? — perguntei. Fiz a pergunta porque sabia que Æthelwold pouco ou nada falava de dinamarquês.

— Ele fala inglês — respondeu Æthelwold, amuado. Não gostava que lhe fizessem perguntas.

— Quem te levou até ele? — quis saber eu.

— Uns dinamarqueses — respondeu vagamente.

— Muito bem — escarneci —, uns dinamarqueses procuram-te para dizer que um poeta morto quer falar contigo e tu deixas-te conduzir docilmente até às terras de Guthrum?

— Eles pagaram-me em ouro — disse na defensiva. Æthelwold estava em dívida para sempre.

— E porque é que nos procuraste? — perguntei. Æthelwold não respondeu. Moveu-se pouco à vontade e olhou para Gisela, que colocava um novelo de lã no tear. — Foste ao território de Guthrum — insisti —, falaste com um morto e, em seguida, vieste procurar-me. Porquê?

— Porque Bjorn afirmou que também serias rei — disse Æthelwold.

Não falou alto, mas, mesmo assim, levantei uma mão num sinal para que se calasse e olhei para a porta como se esperasse encontrar um espião à escuta na escuridão do quarto contíguo. Não tinha qualquer dúvida de que Alfredo colocara espiões na minha casa e julgava saber quem eram, mas não estava completamente certo de os ter identificado a todos, razão por que me certificara de que todos os servos se encontravam bem longe da divisão onde eu e Æthelwold conversávamos. Mesmo assim, não era prudente falar de tais coisas em voz alta.

Gisela parou de rodar a lã e olhou fixamente para Æthelwold. Eu também.

— Ele disse o quê? — perguntei.

— Ele disse que tu, Uhtred — continuou Æthelwold em voz mais baixa —, serias coroado rei da Mércia.

— Estiveste a beber? — perguntei.

— Não — disse ele —, apenas um pouco de sidra. — Inclinou-se para mim. — Bjorn, *o Morto*, também deseja falar contigo, para te revelar o teu destino. Tu e eu, Uhtred, seremos reis e vizinhos. Os deuses assim o desejam e enviaram um homem morto para mo revelar. — Æthelwold tremia ligeiramente e transpirava, mas não estava a beber. Algo o assustara a ponto de se manter sóbrio, e isso convenceu-me de que estava a dizer a verdade. — Eles querem saber se estás disposto a encontrar-te com o morto — continuou —, e, se assim for, mandarão alguém para te levar até ele.

Olhei para Gisela, que se limitou a devolver-me o olhar, sem qualquer expressão no rosto. Olhei de novo para ela, não porque esperasse uma resposta, mas porque ela era bela, tão bela. A minha dinamarquesa de pele escura, a minha adorável Gisela, a minha noiva, o meu amor. Ela deve ter percebido o que eu estava a pensar, porque o seu rosto comprido e grave foi perpassado por um breve sorriso.

— O Uhtred vai ser rei? — perguntou, quebrando o silêncio e olhando para Æthelwold.

— O morto afirma que sim — respondeu Æthelwold de modo desafiador. — E Bjorn ouviu-o da boca das três irmãs. — Referia-se aos Destinos, às Nornes, as três irmãs que teciam o nosso destino.

— O Uhtred vai ser rei da Mércia? — insistiu Gisela em tom duvidoso.

— E tu serás rainha — rematou Æthelwold.

Gisela olhou de novo para mim. O seu olhar era interrogativo, mas não tentei responder ao que sabia ir na sua mente. Ao invés, reflecti sobre o facto de não existir um rei na Mércia. O velho rei, um cachorro saxão mantido por uma coleira dinamarquesa, tinha morrido sem deixar sucessores, e o reino encontrava-se dividido entre dinamarqueses e saxões. O irmão da minha mãe fora Magistrado da Mércia antes de ser morto pelos galeses, o que fazia com que tivesse sangue merciano. E não havia um rei na Mércia.

— Acho que é melhor ouvires o que o morto tem para dizer — sugeriu Gisela gravemente.

— Se mandarem chamar-me — prometi —, assim farei. — E assim faria, porque um morto que falava queria que eu fosse rei.

\*

ALFREDO CHEGOU UMA SEMANA DEPOIS. ESTAVA UM BELO DIA, COM UM céu azul pálido contra o qual o Sol baixo do meio dia se erguia sobre a terra fria. O gelo orlava os canais enlameados onde o rio Temes passava por Scaftes Eye e Wodenes Eye. Galeirões, mergulhões e galinholas chapinhavam à beira do gelo, enquanto bandos de tordos e melros procuravam minhocas e caracóis na lama do degelo de Scaftes Eye.

Estava em casa. Aquela era a minha casa havia dois anos. Coccham era o meu lar, na extremidade do Wessex onde o Temes corria para Lundene e para o mar. Eu, Uhtred, um senhor da Nortúmbria, um exilado e um guerreiro, tornara-me construtor, mercador e pai. Servia Alfredo, rei do Wessex, não porque o desejasse, mas porque lhe tinha prestado juramento.

E Alfredo atribuíra-me uma tarefa: construir a sua nova *burh* em Coccham. Uma *burh* era uma cidade transformada em fortaleza, e Alfredo estava a encher o seu reino do Wessex de tais lugares. Por todas as fronteiras do Wessex, sobre os mares, junto aos rios, nos paus voltados para os selvagens da Cornualha, por todo o lado se erguiam muralhas. Um exército dinamarquês podia lançar uma invasão por entre as fortalezas, mas acabaria por descobrir mais bastiões no interior do território de Alfredo, e havia uma guarnição em cada *burh*. Num raro momento de satisfação selvagem, Alfredo descrevera-me as *burhs* como ninhos de vespas de onde podiam sair enxames de homens para atacar os dinamarqueses. Estavam a ser construídas *burhs* em Exanceaster e em Werham, em Cisseceastre e Hastengas, em Æscengum e Oxnaforda, em Cracgelad e Wæced, e em dúzias de lugares entre estes. As suas muralhas e paliçadas eram guarnecidas por homens com lanças e escudos. O Wessex estava a tornar-se uma terra de fortalezas, e a minha tarefa era transformar a pequena cidade de Coccham numa *burh*.

O trabalho estava a ser levado a cabo por todos os saxões ocidentais com idade superior a doze anos. Metade deles trabalhava enquanto a outra metade tratava dos campos. Em Coccham, eu devia ter quinhentos homens a servir ao mesmo tempo e a todo o momento, ainda que o normal fosse o seu número não ascender a trezentos. Cavavam, amontoavam a terra e cortavam madeira para as muralhas, e assim tínhamos erguido um bastião nas margens do Temes. Na verdade, eram dois bastiões, um sobre a margem sul do rio e outro em Scaftes Eye, uma ilha que dividia o rio em dois canais, e nesse mês de Janeiro de 885 os trabalhos estavam praticamente concluídos e nenhum navio dinamarquês podia subir para montante e saquear as quintas e aldeias ao longo da margem do rio. Podiam tentar, mas teriam de



passar pelos meus baluartes, e sabiam que as minhas tropas os perseguiriam e os empurrariam para terra, onde encontrariam a morte.

Foi nessa manhã que chegou um mercador dinamarquês chamado Ulf, que amarrou a sua embarcação ao pontão de Scaeftes Eye, onde um dos meus fiscais analisou a carga para calcular o imposto. Com um sorriso desdentado, Ulf subiu para o pontão a fim de me cumprimentar. Entregou-me um pedaço de âmbar envolto em pelica.

— Para a Dama Gisela, senhor — disse ele. — Ela está bem?

— Está — respondi, tocando no martelo de Thor que me pendia do pescoço.

— É verdade o que ouvi dizer, que tendes um segundo filho?

— É uma menina — corrigi —, e onde foi que ouviste tal coisa?

— Em Beamfleot — respondeu o mercador, o que fazia sentido. Ulf era um homem do Norte, mas nenhum navio efectuava a viagem entre a Nortúmbria e o Wessex no pior daquele Inverno gélido. Devia ter passado a temporada no Sul de East Anglia, nos compridos e intrincados baixios lamacentos do estuário do Temes. — Não é grande coisa — continuou ele, apontando para a carga. — Comprei algumas peles e lâminas de machado em Grantaceaster e pensei subir o rio, para ver se os saxões ainda têm algum dinheiro.

— Subiste o rio para ver se já tínhamos terminado a fortaleza — corrigi-o. — És um espião, Ulf, e julgo que vou enforcar-te numa árvore.

— Não fareis nada disso — contrapôs, sem se deixar abalar pelas minhas palavras.

— Estou aborrecido — disse eu, guardando o âmbar no bolso —, e ver um dinamarquês contorcer-se na ponta de uma corda deve ser divertido, não te parece?

— Nesse caso, deveis ter-vos rido às gargalhadas quando enforcastes a tripulação de Jarrel — sentenciou.

— Era assim que se chamava? — perguntei. — Jarrel? Não lhe perguntei o nome.

— Eu vi trinta corpos — disse Ulf, apontando com a cabeça para jusante —, talvez mais. Todos eles enforcados em árvores, e disse para mim mesmo que parecia obra do Lorde Uhtred.

— Só trinta? — rebati. — Eram trinta e cinco. Vou acrescentar-lhes a tua miserável carcaça, Ulf, para me ajudar a aumentar o número.

— Não me quereis a mim — disse Ulf alegremente —, quereis um homem jovem, porque os jovens se contorcem mais que os velhos. — Olhou

para dentro do barco e cuspiu na direcção de um rapaz de cabelo vermelho que olhava distraidamente para o rio. — Podíeis enforcar aquele pequeno bastardo. É o filho mais velho da minha mulher, e não passa de um monte de merda. Ele vai contorcer-se.

— Muito bem, quem anda por Lundene nos tempos que correm? — perguntei.

— O Conde Haesten anda dentro e fora — respondeu Ulf —, mais dentro que fora.

Fiquei surpreso por sabê-lo. Conhecia Haesten. Era um jovem dinamarquês que em tempos me prestara juramento, mas que quebrara esse juramento e aspirava ser um lorde guerreiro. Apelidava-se a si mesmo de conde, o que me divertia, mas fiquei surpreso por saber que fora para Lundene. Sabia que erguera um campo murado na costa de East Anglia, mas tinha-se mudado para muito mais perto do Wessex, o que sugeria que procurava problemas.

— O que anda ele a fazer? — perguntei em tom escarninho. — Anda a roubar os patos dos vizinhos?

Ulf inspirou profundamente e abanou a cabeça.

— Ele obteve aliados, senhor — respondeu.

Havia algo no tom da sua voz que me deixou preocupado.

— Aliados? — perguntei.

— Os irmãos Thurgilson — respondeu Ulf, tocando no amuleto do martelo.

Na altura, aquele nome não significava nada para mim.

— Thurgilson? — insisti.

— Sigefrid e Erik — explicou Ulf sem deixar de tocar no amuleto. — Condes noruegueses, senhor.

Aquilo era novo. Os noruegueses não costumavam andar por East Anglia ou pelo Wessex. Era frequente ouvirmos falar dos seus ataques a terras escocesas e à Irlanda, mas os chefes noruegueses raramente se aproximavam do Wessex.

— O que fazem noruegueses em Lundene? — quis saber.

— Chegaram há dois dias, senhor — respondeu Ulf —, com vinte e dois navios. Haesten foi com eles, e levou nove navios.

Assobiei baixinho. Trinta e um navios constituíam uma frota, e isso significava que os dois irmãos e Haesten comandavam um exército de pelo menos mil homens. Esses homens encontravam-se em Lundene, e Lundene ficava na fronteira do Wessex.

Nesses tempos, Lundene era uma cidade estranha. Fazia oficialmente parte da Mércia, mas a Mércia não tinha rei e Lundene não tinha governante. Não era saxã nem dinamarquesa, mas um misto das duas, e um lugar onde um homem podia enriquecer, morrer, ou ambas as coisas. Erguia-se no ponto de encontro da Mércia com East Anglia e com o Wessex, e era uma cidade de mercadores, comerciantes e homens do mar. E naquela altura, se Ulf estivesse certo, tinha um exército *viking* no interior das suas muralhas.

Ulf soltou um risinho abafado.

— Apanharam-vos como a um rato numa ratoeira, senhor.

Perguntei-me como seria possível que a frota se tivesse reunido e subido o rio até Lundene sem eu saber de nada muito antes de levantarem âncora. Coccham era a cidade fortificada mais próxima de Lundene e era normal eu saber o que aí se passava com o intervalo de um dia, mas a verdade é que um inimigo ocupara a cidade sem que eu tivesse sabido fosse o que fosse a esse respeito.

— Foram os irmãos que te enviaram para me dizeres isto? — perguntei a Ulf. Assumi que os irmãos Thurgilson e Haesten só tinham capturado Lundene para que alguém, provavelmente Alfredo, lhes pagasse para que se fossem embora da cidade. Se assim fosse, deixar-nos saber da sua chegada serviria os seus interesses.

Ulf abanou a cabeça.

— Eu parti quando eles chegaram, senhor — respondeu. — Já é suficientemente mau ter de vos pagar imposto sem ter de lhes dar metade das minhas mercadorias. — Estremeceu. — O Conde Sigefrid é um homem mau, senhor. Não é pessoa com quem se faça negócio.

— Porque é que eu não soube que eles estavam com Haesten? — perguntei.

— Não estavam. Estavam em França. Atravessaram o mar e subiram o rio.

— Com vinte e dois navios cheios de noruegueses — rematei amargamente.

— Eles têm de tudo, senhor — emendou Ulf. — Dinamarqueses, frísios, saxões, noruegueses, tudo. Sigefrid recruta os seus homens onde quer que os deuses vazem as suas cagadeiras. São homens esfaimados, senhor. Homens sem amo. Velhacos. Vêm de toda a parte.

Os homens sem amo eram os piores. Não deviam lealdade a ninguém. Não possuíam nada além das suas espadas, fome e ambição. Eu também já fora assim.

— Quer isso dizer que Sigefrid e Erik vão dar-nos problemas? — sugeri em voz baixa.

— Sigefrid, sim — respondeu Ulf. — Erik? É o mais novo. Os homens falam bem dele, mas Sigefrid anda sempre à procura de sarilhos.

— Ele pretende um resgate? — perguntei.

— É possível — admitiu Ulf. — Ele tem de pagar a todos aqueles homens, e na França não tem mais nada além de merda de rato. Mas quem lhe pagará um resgate? Lundene pertence à Mércia, não é verdade?

— É — confirmei.

— E a Mércia não tem rei — continuou Ulf. — Não é natural, pois não? Um reino sem rei...

Pensei na visão de Æthelwold e toquei no meu amuleto do martelo de Thor.

— Alguma vez ouviste falar no morto que se ergue do túmulo? — perguntei a Ulf.

— O morto que se ergue do túmulo? — Olhou para mim, alarmado, e tocou no seu próprio amuleto. — É melhor que os mortos permaneçam em Niflheim, senhor.

— Talvez se trate de magia antiga — sugeri —, reerguer os mortos.

— Andais a ouvir histórias — sentenciou Ulf, agarrando com força no seu amuleto.

— Que histórias?

— Do distante Norte, senhor. Da terra do gelo e dos vidoeiros. Acontecem ali coisas estranhas. Dizem que os homens conseguem voar no escuro, e eu ouvi dizer que os mortos caminham sobre os mares gelados, mas nunca vi tal coisa. — Levou o amuleto aos lábios e beijou-o. — Acho que não passam de histórias para assustar as crianças nas noites de Inverno, senhor.

— É possível — disse eu, voltando-me quando um rapaz surgiu a correr ao longo da base da muralha acabada de erguer.

O rapaz saltou por cima das madeiras que viriam a ser a plataforma de batalha, escorregou numa poça de lama, gatinhou desajeitadamente antes de se pôr de novo de pé, arquejante o suficiente para não ser capaz de falar. Esperei que recuperasse o fôlego.

— *Haligast*, senhor — disse ele. — *Haligast!*

Ulf dirigiu-me um olhar interrogador. Como todos os mercadores, falava um pouco de inglês, mas a palavra *haligast* deixara-o intrigado.

— O Espírito Santo — traduzi para dinamarquês.